

TENDÊNCIAS DO COMÉRCIO DISTRIBUIDOR DE PRODUTOS QUÍMICOS E PETROQUÍMICOS

O mês de julho

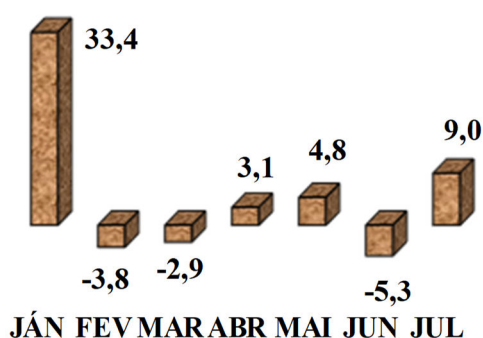
As vendas em dólares do setor distribuidor de produtos químicos e petroquímicos apresentaram em julho crescimento de 9,0% comparativamente ao mês anterior, enquanto as vendas mensuradas em reais registraram ele de 9,7% no mesmo critério de comparação. Considerando as vendas em dólares nada menos que 73% das respostas recebidas apontaram crescimento nas vendas, com 9% relatando igualdade em relação ao mês anterior, com 18% dos participantes declarando queda no faturamento mensal.

Em termos gerais as respostas descreveram um cenário de instabilidade, mas com ganhos no mês em relação ao anterior que se comportou de forma abaixo do esperado. O mercado foi considerado desaquecido com as empresas industriais adquirindo o essencial para suas operações, diante do cenário político e econômico ainda sem sinalizações positivas.

Diante deste fato as margens de comercialização em determinadas ocasiões foram reduzidas, como forma de viabilizar vendas e ao mesmo tempo para superar a concorrência de empresas que sem o pleno conhecimento do mercado praticam preços reduzidos.

As variações mensais das vendas dos meses decorridos até julho são apresentadas no gráfico abaixo.

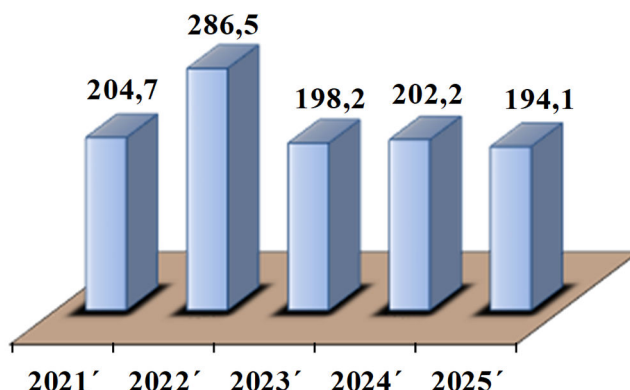
VARIAÇÃO MENSAL DAS VENDAS EM DÓLARES JANEIRO A JULHO DE 2025



A série apresentada mostra igual número de sinais negativos e positivos nas apurações mensais, não considerando a grande variação obtida em janeiro em razão da base bastante reduzida de dezembro do ano passado. A análise destas variações mostra algumas oscilações que não confirmaram o comportamento histórico do ano, a exemplo do mês de março normalmente o melhor do segundo trimestre do ano com resultado negativo, pouco compensado pelos desempenhos dos meses seguintes.

A análise dos índices de vendas em dólares de anos anteriores, pode também servir de comparação com o atual patamar de vendas no mês analisado.

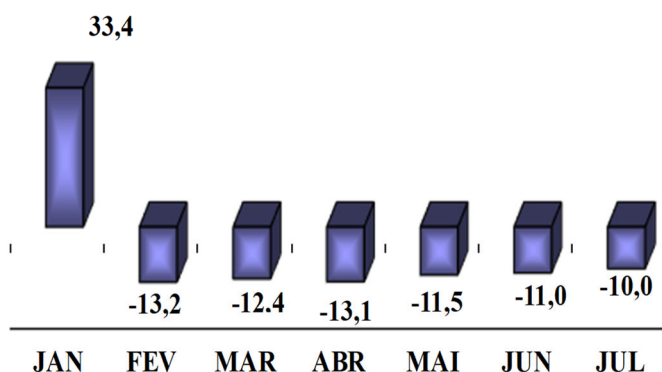
ÍNDICES DAS VENDAS EM DÓLARES MESES DE JULHO - 2021 A 2025



Normalmente quando se compara desempenhos das vendas em dólares em períodos mais amplos é comum se observar a reação no ano de 2022, quando a economia começou a reagir diante do decréscimo das atividades econômicas em função da pandemia. Neste ano o crescimento em relação igual mês do ano anterior alcançou 40%, com variações negativas nas comparações dos anos seguintes com os anos imediatamente anteriores, com decréscimos de 30,8% em 2023, pequeno crescimento de 2,0% em 2024 e redução de 4,0% em julho do ano em curso.

O gráfico apresentado a seguir mostra o comportamento das vendas em dólares acumulados no período decorrido de janeiro até julho do ano em curso.

VENDAS EM DÓLARES ACUMULADAS VARIAÇÃO % JANEIRO-JULHO



Na medida em que os resultados de vendas são adicionados nos respectivos meses, observa-se a partir de abril pequenas reduções nas desvantagens das vendas médias em dólares apuradas pelos questionários recebidos, embora com sinais negativos comparativamente a iguais períodos do ano passado.

Condições operacionais

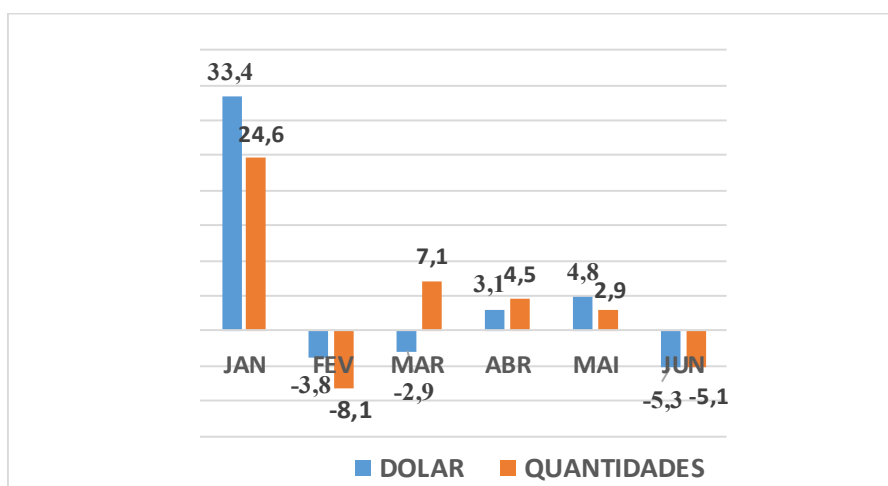
As quantidades comercializadas no mês informadas pelos participantes da pesquisa mensal mostraram crescimento de 4,9% nos itens nacionais e elevação de 10,4% nos de origem externa.

A pesquisa efetuada pelo PRODIRE com informações de número representativo de empresas colaboradoras do indicador específico, referente ao mês de junho, em razão da defasagem de um mês da referida captação em relação ao Tendências, apurou decréscimo de 5,1% nas quantidades do mês referido.

O quadro abaixo mostra a evolução das variações das quantidades, com base 100 em dezembro do ano passado e as variações do dólar no período considerado, comparados e visualizados no gráfico apresentado a seguir, com as vendas em dólares e as quantidades correspondentes.

VARIAÇÕES DAS QUANTIDADES E VENDAS EM DÓLARES EM 2025

VARIAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Dólar	33,4	-3,8	-2,9	3,1	4,8	-5,3
Quantidades	24,6	-8,1	7,1	4,5	2,9	-5,1



Os preços dos itens comercializados apresentaram crescimento médio de 0,9%, enquanto os títulos em atraso em prazo superior a um dia na carteira dos informantes, permaneceram na faixa próxima a 2,0%. Os estoques médios da amostra pesquisada se posicionaram em patamar equivalente a 51 dias de vendas, nível compatível com a situação de indefinição do mercado.

Questão colocada no questionário do mês buscou a posição das empresas sobre a influência da majoração do IOF aprovado recentemente nas operações normais de comercialização. De maneira geral o aumento das alíquotas influencia principalmente o custo financeiro de várias operações, tanto de fornecedores nacionais, quanto dos itens importados do "mix" de grande parte das empresas consultadas. A existência de empresas que não se valem de empréstimos e operações financeiras para capital de giro, apesar de não sofrerem influência direta, terão acrescidos os custos de fornecedores nacionais e externos que serão atingidos pelas novas alíquotas.

Outro questionamento foi efetuado a respeito do reflexo do aumento das alíquotas de exportação de empresas nacionais para as vendas efetuadas aos Estados Unidos da América, muito embora nenhum dos consultados tenha relatado operações de exportação. Mais uma vez ocorrem reflexos nos custos das empresas que serão atingidas em suas vendas para o país citado, caso de pequenas e médias unidades industriais que após os esforços para conquistar clientes no país alvo das vendas, serão penalizadas pelas medidas. A adaptação à nova situação se desenha de difícil operacionalidade, uma vez que a alternativa de abertura de novos mercados, apresenta um tempo relativamente longo para a efetivação dos novos negócios.

Além do mais, a medida tomada influenciará diretamente o nível de atividade das exportadoras que serão prejudicadas pelo estreitamento do mercado americano, provocando consequências na formação do PIB nacional. A postura adotada pelo governo em não buscar a negociação de imediato, como ocorrido com países afetados pelas medidas, acarretou posicionamento recente do governo, como forma de compensação para as perdas, a partir de financiamentos específicos para tais empresas, com recursos do tesouro nacional retirados das metas existentes para o necessário ajuste fiscal.

Outro aspecto que buscou posicionamento dos consultados na pesquisa efetuada se referiu a possibilidade da análise e discussões, ainda neste ano, dos gastos excessivos, a exemplo de altos salários, reforma administrativa e demais itens relacionados ao equilíbrio fiscal. Respostas recebidas apresentaram unanimidade a respeito da impossibilidade de tal ocorrer, em razão da proximidade das eleições do próximo ano.

Expectativas futuras

As respostas recebidas das empresas participantes deste boletim de conjuntura apontam que o mercado apresenta sinais de lentidão, posicionamento assumido por 82% das citações, com oferta superior a demanda, declaração de 73% das opiniões e preços com ligeira tendência de elevação. O índice de confiança foi marcado por evidentes sinais de queda, em razão das indefinições do mercado, frente aos recentes acontecimentos relacionados com aumento das alíquotas de impostos e da situação provocada pelo aumento abusivo das tarifas de exportações de itens direcionados para o mercado americano.

Este último acontecimento que até o momento da elaboração deste relatório não apresentou nenhum sinal de modificação, apesar do anúncio de medidas compensatórias para os atingidos frontalmente, gerou na expectativa das empresas consultadas, dúvidas a respeito do planejamento futuro das mesmas, em face das indefinições existentes e suas consequências nas operações empresariais, com desequilíbrio nos portfólios das empresas que operam no mercado externo.

Apesar de tais fatos a expectativa para o mês de agosto aponta para crescimento de 2,0% nas vendas em dólares na comparação com o mês anterior, sendo esperada reação no mercado, na direção de crescimento das vendas nos próximos meses, opinião que, no entanto, não é compartilhada por todos os pesquisados, pois alguns acreditam que só poderá existir alguma reação do mercado no início do próximo ano.

As previsões existentes anteriormente de crescimento de 3,5% nas exportações nacionais, crescimento superior a 6% na agropecuária e na indústria extrativa, elevação anual de 1,7% nos serviços, com a indústria contribuindo com 2,0% de crescimento anual, poderão ser frustradas em razão das dificuldades que se apresentam até o presente mês, comprometendo o crescimento final de 2,0% do PIB nacional.

Os dados do IBGE relativos ao mês de junho mostram desempenhos considerados tímidos da indústria, do comércio e dos serviços, que poderão ser comprometidos ainda pela redução do consumo das famílias, que deverá apresentar nos próximos meses, no mínimo uma estagnação.

A taxa básica de juros mantida até hoje em 15% a.a, deverá ser mantida diante do quadro de instabilidade do mercado internacional, até que se tenha definição mais clara dos efeitos da guerra de tarifas e posicionamentos agressivos efetuados com base em posições extremas obtidas a custos elevados para os países de menor poder de barganha.

A inflação interna fechou o mês de junho com redução substancial na taxa de crescimento, comparativamente ao mês anterior, fato que poderia ser utilizado pelo Banco Central como argumento para comemorar a aproximação da meta inflacionária estabelecida e abrir caminho para uma queda planejada da taxa básica de juros.

Enquanto tais variáveis não forem totalmente explicadas e a situação internacional mais compreensível pela visão econômica, continuaremos a colecionar dúvidas e a enfrentar dificuldades para o alcance do crescimento previsto, apesar da necessidade de obediência das metas de equilíbrio fiscal.

Leonel Tinoco Netto é consultor econômico da ASSOCIQUIM / SINCOQUIM, professor de economia, diretor da Assec Assessoria e Estudos Econômicos e ex-conselheiro do Conselho Regional de Economia de São Paulo.